A LUTA

A liberdade perene é uma conquista permanente.

ANO 2 | RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, 1.º DE MAIO DE 1908 | NUM. 31

1º de Maio

Passa hoje o aniverssario do inicio da luta formidavel que o operariado americano sustentou em prol das 8 horas de trabalho, luta que teve por epílogo a sangrenta vingança da burguezia que fez enforcar os estremados propagadores anarquistas Engels, Spies, Fischer, Parsons e Lingg.

Recordando esse facto, a *Luta* almeja que os trabalhadores de todo mundo se aprossimem e se solidarizem cada vez mais para, um dia, realizando a revolução social, alcançar o ideal que acariciava aqueles corações de lutadores.

O DIA DE HOJE

No dia de hoje, o proletariado universal victima das iniquidades e injustiças sociaes, gemendo sob o guante das necessidades que o obrigam a curvar-se ante á esploração economica, e amordaçado por um rejime politico que tem por ùltima espressão o barbarismo militar, põe em revista as suas forças, conta os braços de que dispõe e indaga da firmeza das proprias conciencias.

A luta quotidiana manifestada diversamente em todos os pontos do globo, são os promissores prenúncios da grande batalha que, acionando a fiel balança da verdadeira justiça, levará ao nivel a sociedade contemporanea, onde a vida humana cada dia mais intoleravel se torna.

O proletario, o produtor de todas as grandezas da nossa civilisação, não pode continuar na miseravel posição de ilóta, desprotejido e escorraçado de toda parte, quando não queira consentir em trocar a sua força, a sua saude, a sua vida, pelo bocado de pão que os assambarcadores da riqueza haja por bem lhe dispensar.

Bem pronunciadas são todas as tendencias das lutas dos nossos dias, quer nos conflictos da vida pratica, caracterisados pelas greves, quer nas manifestações das mais robustas mentalidades da actual geração, nos anunciando a nova éra que se descortinará para a humanidade depois do salutar sôpro da revolução social que varrerá da face do globo as velhas instituições opressoras que tanto têm aviltado o homem.

Embalde tentam os modernos tiranos, impotentes, com um sem numero de leis draconianas, opôr um dique á formidavel corrente libertadôra; nada conseguirão porque a verdade e a justiça possuem em si mesmas a violencia que irá partir todas as grilhetas com que porventura quizerem abater a liberdade.

E dia virá em que a data de 1.º de maio será, para os trabalhadores de todo o mundo, apenas uma recordação das passadas lutas contra a burguezia e, então, a vida já não será mais a brutalidade de hoje e o homem livre dos hediondos abutres da guerra, do capital e da relijião, viverá no seio duma grande familia onde todos, todos, felizes, não sintam mais a necessidade — vergonhosa anomalia! — de vender o corpo para não perecer de fome no seio da natureza ezuberante!

O GRANDE DIA

Já não se sente o arrastar das correntes nem o tinir produzido pelos élos, nem o ranjer dos ossos, que impotentes, quebrantavam-se em esforços supremos em busca da liberdade.

Sentem-se na terra novos cantares, novos hinos!... Não se ouve aos miseros implorar o pedaço de pão duro, não se vêm sujas e cancerosas mãos estendidas solicitando óbulos... uma *caridade* para satisfazer estômagos famintos.

Todos, homens e mulheres, unidos na nobilitante lida: todos solicitos cultivando a terra, engrandecendo a ciencia.

Aqui e ali levanta-se um braço hercúleo, para abrir um sulco, emquanto as sementeiras de doirado trigo, esparzem-se por toda a parte. Todos são felizes! Tudo é de todos; todos têm direito a tudo; já não ha ódios, não ha egoismos nem falsidades, o amor está na terra; todos os lares são ditosos na grande familia; a ciencia em todos os cerebros, derramando a seiva fecunda em proveito da felicidade comum.

O «eu proprio» é o eu de todos, o ídolo ruiu por terra por suas falsidades ruins, por suas hipocrisias, por suas farças; não os detêm os dogmas da velha ciencia; encaram o mutuo amor sem levantar ídolos, e sem as infundadas hipótezes do *mais além*.

Vivem felizes... lembrando-se com tristeza e gratidão dos seus antepassados... aqueles ilotas e párias que por eles sacrificaram a vida.

Contam, que os amos, secundados por uma imunda turba de esbirros, espoliavam o trabalhador, fatigando-o deshumanamente, no vil trabalho, até que a morte os libertasse de tão odiosa escravidão.

Os anciãos não cessam de recordar aos pequenos, em doce convivio, os passados tempos como um ezemplo para as futuras gerações...

Lembram-lhes que num dia de sol abrazador, semi-asficsiados pelo pó sufocante e pela sêde, quando o trabalho era mais rude, os esbirros os maltratavam desapiedadamente, e, que chegando um pária rendido pela fadiga, em procura de trabalho, tinham-no escorraçado — era um intruso, e como tal fôra tratado.

Lembram-lhes que os amos, ricos senhores, cortejados e adulados pela turba de criados fieis preconizadores do servilismo e da adulação, faziam sentir sobre o escravo a vara aviltante de todas as épocas de selvajismo. Os acaparadores da terra e dos homens, em nome do trabalho, sacrificavam aos seus semelhantes; cometiam as orjias mais degradantes, e da mesma forma que ao pária o labor envilecia, ao senhor a orjia os *elevava*.

Eram os senhores feudaes.

Suas vozes de mando repercutiam por toda a parte, secundadas pelas vozes dos seus esbirros, fustigando o proletariado com o vil suplicio, para que acometesse mais briosamente a terra escarnecida.

***

Um dia no cérebro do escravo forasteiro, brilhou uma luz muito tenue, como um vislumbre reflectante do primeiro alvorecer; seu cérebro de titão concebeu uma ideia e esta ideia debil ao principio, cresceu em seguida estraordinariamente. Seus músculos contrairam-se de ira e de desespero; o menor dos seus esforços foi um impulso irresistivel; seu cérebro rústico e ignorante surjiu vingador das infamantes trevas; quiz ver a luz; anciava ver o sol iluminando a vida, a vida do liberto, que concebia seu nobre coração, sublime como a sua ideia, feita ao calor dos insultos, formado no jugo degradante... Surjiu como surjiu a luz inundando as profundezas dos abismos tenebrosos e desconhecidos — foi um rebelde!... Viu a miseria tal como a devia compreender: viu-a sem ofuscamentos, olhou-a como escravo e como homem — e rebelou-se!

Esse dia falou aos seus companheiros, trabalhou pela causa comum, fez rebeldes; seu pensamento repercutiu de um estremo a outro, em todos os cerebros; suas palavras foram rujidores trovões, ouvidos por todos; todos esperavam a ultima palavra, o ultimo gesto. Este não se fez esperar. As palavras do primeiro rebelde, não foram vans; os submissos comprovaram-no...

Os instrumentos de ignominia, antes levantados para enriquecer aos amos, ergueram-se ameaçadores e terriveis nas mãos dos justiceiros. Homens, crianças e mulheres: na luta final ninguem faltava! em todos os rostos desenhava-se o riso franco dos rebeldes; provocavam a luta, as forças dos inconcientes estavam preparadas; os servis temerosos ante a atitude dos rebeldes, falavam de melhoras, propunham concessões, tratavam de formar um *honroso* pacto em troca de tornar ao trabalho. Um soriso de ameaça e desprezo, respondia a tão absurdas proposições, a tão denigrantes esmolas.

Chegava o momento decisivo, os parasitas de todas as épocas procuravam por todos os meios vencer os rebeldes; a tropa instigada pelos amos, escarnecida pelos libertos, estava pronta para atirar-se com sanha feroz.

Eram desgraçados! Não compreendiam os irmãos! Esperavam a voz de mando com essa inconciencia propria de suas ignorancias e imbecilidades; era digna de elojio a passiva atitude que demonstravam, diante das pedras, dos insultos e ás palavras incitadoras á solidariedade pela grande causa, que era de todos. A voz titanica do despota, não se fez esperar. O povo estava impaciente, ouve-se uma descarga, cairam os primeiros; fogo mortifero, seguiu semeando a morte; sobre a tropa choviam as pedras emquanto sobre o povo choviam as balas.

O sól tinha-se ocultado; parecia envergonhado diante daquella inconciente e feroz mantança; os selvajens, dizimados pela superioridade numerica dos rebeldes, maltratados e rendidos pela luta, começaram a desanimar na sua obra funesta e nefanda; a cada descarga respondia uma chuva de pedras.

Emquanto a espada e o fusil faziam as suas vitimas, a foice e a picareta iam sepultar-se no ventre dos quadrupedes que caiam examines esmagando aos seus ginetes.

A luta se fez corpo a corpo; a barricada foi distruida, e louca, frenética a maça arremeteu sobre os dizimados «arrasta-sabres».

Os craneos abriram-se aos golpes formidaveis da picareta vingadora de todos os oprobrios, de todos os crimes... O sacrificio estava consumado; o povo tinha triunfado; montes de cadaveres jaciam em horripilante estado; a queixa dos moribundos elevava-se confundida com os seus pensamentos; mulheres, cri-

anças e homens, todos confundidos num ultimo laço abraçados pelas morte!... Até nesse derradeiro momento demostravam que eram grandes!...

O primeiro germem daquela luta, o primeiro rebelde, o titão sublime, ergueu-se do meio de um monte de cadáveres, coberto de feridas, o rosto ensanguentado, o craneo desfeito, os olhos injetados de sangue, a respiração lenta e fatigosa; era um ser disforme, com um resto de vida; confundiu-se com seus irmãos num supremo esforço e falou: os titãos o rodiavam e todos confundidos em estreito abraço, derramavam lagrimas... lagrimas de sangue!... Choravam pelos companheiros caidos, tambem choravam pelos seus inimigos!... Sua voz estrangulou-se na garganta, um sorriso, o ultimo e o primeiro de felicidade na vida divizou-se em seus labios roxos; a sua ultima palavra, débil como um sopro moribundo, disse: — Vivei!

* * *

Passaram os tempos, a memoria daqueles é a perene lembrança dos que vivem, descendentes de uma uma geração que lhes brindou a vida com a liberdade! O campo regado pelo sangue daqueles lutadores, encerra em seu solo os despojos dos seus nobres filhos; as suas sepulturas cobertas de frescas flôres, emanam o delicioso perfume de um jardim em todo o seu apojeu.

Os campos cobertos de espigas douradas, com fecundantes frutos, rodeados pelo gorjear de ternas gargantas parecem agradecer o esforço daqueles bravos.

As aguas cristalinas das fontes oferencem ao ser humano o liquido vivificante...

....

B. Ibanez

Notas & Cifras

O BAROMETRO DA MISERIA

O relatorio apresentado pelo ministro Tittoni e dirijido pelo comissariado italiano d'emigração durante o periodo compreendido entre o mez de abril de 1906 e abril de 1907 foi distribuido á camara dos deputados de Italia. Os dados do relatorio são estremamente interessantes.

O relatorio prova que a emigração se tornou mais forte em 1906 do que durante o ano precedente e até se manifestou nas regiões onde antes ela era muito rara e se póde afirmar insignificante, principalmente na Sardenha.

Comparando o numero de emigrantes nas diversas partes do reino, se verifica que, embora o aumento se fizesse notar por toda a parte, sempre são as regiões as menos industriaes e mais pobres do país, as que fornecem o mais forte contijente. O aumento se manifestou principalmente em Ombria, Pouilles, Sicilia, Sardenha e Lazio.

O numero total de emigrantes foi de 786.977 em 1906 contra 726.331 em 1905.

A corrente emigratória é levada principalmente para os paises d'além oceano.

A'S MULHERES

Vós, amadas companheiras, a quem o egoïsmo e a rotina dos homens estupidamente vos nega o direito e o devêr de tomar parte na vida social, escutai-me!

A escravidão a que ainda — nêste século em que os homens já aspiram á liberdade mais completa — vos encontrais sujeitas, é na realidade uma infamia bem grande que é tempo de acabar.

Mulheres! vós que, quer como espôsas quer como filhas, sois escravas; vós que sois obrigadas a prestar obediencia a vossos maridos como se d'eles fosseis propriedade; vós que pelo despotismo da casa paterna nem sequer podeis escolhêr livremente o homem que ambicionais pâra pai de vossos filhos, o companheiro a quem quereis entregar o vosso coração e o vosso corpo e a quem desejais deliciar com as vossas enternecidas caricias e os vossos beijos enebriantes, — quereis sêr livres, mulheres? quereis sorvêr o prazer inefável da Liberdade? quereis emfim viver?

— Instruí-vos! Procurai a Verdade, e quando de pósse d'ela sereis livres e sereis felizes.

Aos requintes da moda, ao luxo dos vestidos e aos prazêres mundanos preferi os requintes da bondade, o luxo do coração e os prazêres da «vida intellectual»!

Vós que no sorriso possuís a ambrosia com que nos dulcificais as agruras da vida, vós que, por possuirdes um coração capaz de todas as nobrezas e de todos os generosos sentimentos, deveis abominar esta sociedade que vos avilta e infelicita, que mata e deshonra vossos maridos, vossos filhos, vossos irmãos, e deveis ambicionar uma sociedade sem lupanar e sem caserna onde ocupeis o lugar a que tendes jus, igual em direitos ao vosso companheiro, — vinde com o vosso amor, com o vosso afecto, com o vosso carinho incomparavel apressar a chegada dessa éra de concórdia, de solidariedade e de paz que tem por nome Anarquia!

A vossa missão, mulheres, é de uma tal grandêza que a vossa ignorancia vos não permite sequer imagina-la!

Nesses peitos afectivos, nesses lábios carminados, possuís a magia de transformar as dôres e amarguras desta vida em tranqüilidade e alegria.

Não sois vós que, primeiro com a seiva do vosso sangue, depois com o leite do vosso seio, dais vida aos filhos da vossa alma?

Não sois vós que, com o vosso sorriso airoso, insinais a criancinha a sorrir tambem?

Não é a mulher que, com a sua solicitude inexcedivel e com a sua voz harmoniosa, ensina esses pequeninos entes a darem os primeiros passos e a balbuciarem as primeiras palavras?

Não sois vós tambem que despertais os primeiros sentimentos nesses corações inocentes?

Não sois vós, emfim, que criais, formais e educais as crianças que serão mais tarde homens?

Pois bem! Se educardes os vossos filhos na opressão, tornalos-eis escravos. Se os educardes no amor, torna-los-eis homens livres.

Escravos, serão egoïstas, serão hipócritas, serão astuciosos por que não possuirão energia pâra lutar com altivêz contra a opressão e o orgulho da humanidade.

Livres, viverão com a fronte erguida, a espinha bem direita, serão nobres as suas acções, serão elevados os seus pensamentos, ninguem os humilhará por que possuirão a autoridade moral que a todos desperta admiração e respeito.

Cultivai, pois, mulheres, o vosso cérebro pâra que vos emancipeis da tutela do homem, e com cuidado aplicai-vos á Arte da Educação pàra que possais educar vossos filhos de fórma a faze-los felizes.

Pinto Quartim.

1.º DE MAIO

Os rozados clarões do amanhecer deste dia, nos vêm trazer á mente, como uma rubra alvorada de sangue, a dolorosa trajedia, que custou a vida daqueles que julgaram poder impunemente amar á liberdade.

Como um escarro ás faces da criminoza burguezia, é necessario que, mais uma vez, se atire a recordação das suas monstruozidades e para que tambem demonstrado fique não haver violencia alguma empregada pelo proletariado que áquela se iguale em fereza e perversidade.

Barbaros modernos, novos Torquemadas do Capital, eles não titubiaram na pratica do mais revoltante dos atentados á vida humana e com uma crueldade só digna de tigres, friamente, injustamente, imolaram aqueles homens que outro crime não tiveram senão o de defender o direito dos oprimidos.

Os cães togados, na sua impassibilidade de homens sem entranhas, póstos ao serviço do Dinheiro, sem sentir siquer um abalo na conciencia negra, lavraram as sentenças de morte que iam abater aqueles homens de animo de ferro que não tremeram diante da iniquidade do banditismo organizado.

Os mizeraveis mataram cinco homens que amavam a liberdade, mas não mataram, antes mais ceiva deram, á liberdade!

Ao recordar os crimes monstruozos da burguezia contra os reivindicadores do direito á vida, compreendemos então como merecem desprezo os vilões e os hipócritas que nos vem aconselhar calma na luta contra a violencia organizada.

Não! contra a violencia só a violencia poderá vencer e o crime que nos vem recordar o dia 1.º de maio é tremenda lição que constantemente precizamos rememorar.

Joaquim Silvano.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Communismo anárquico. — Acaba de ser publicado em folheto, com o titulo acima, os tres primeiros capitulos da formosa obra de Pedro Kropotkine — "A conquista do pão".

Neste livro, o já bastante conhecido pensador anarquista, dá, a largos traços a síntese da futura sociedade de livres e de iguais em que o comunismo será a base do equilibrio economico.

Acompanhando os factos históricos, observando os multiplos fenomenos que constituem a evolução das sociedades humanas, o autor chega á logica conclusão de que as tendencias de todas as lutas que se vem empenhando entre o capital e o trabalho e entre a liberdade e a autoridade irão ter o seu termo no comunismo anarquico — *o direito ao bem-estar — o bem-estar para todos.*

E' um livro que deve ser lido e meditado, muito principalmente por aqueles que, das nossas ideias só conhecem o que a ignorancia e a má fé se compraz em formular a nosso respeito.

La diplomatie et la régénération sociale. — Recebemos um exemplar deste folheto, contendo a tradução para o francês de dois artigos do sr. Teixeira Mendes, publicados a proposito da atitude do governo brasileiro na conferencia de Haia.

Vem aí uma justa apreciação da guerra e do militarismo, o costume que a Humanidade herdou da Animalidade e que éla foi sempre repudiando á medida que o altruismo prevaleceu sobre o egoismo, a ciencia sobre a ignorancia, a industria sobre a miseria».

E' um folheto que merece ser lido. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

ESTILHAÇOS

O *Jornal da Manhã* afirma, repetidamente, que o partido operario que, pela vigessima vez, projectam organizar nesta capital, inspirar-se-á nos princípios do «colectivismo libertario».

Que diabo disto é aquilo?!...

Nós, apezar de libertarios, não entendemos nada desses estranhos princípios colectivistas...

Isso até parece spencerismo-católico *a la minnte*...

Pois não é?

* * *

Apezar do falecido Jesus Cristo ser estranjeiro, eziste nesta cidade uma associação patriótica que se intitula cristã.

Achamos que o patrono não serve para associações desta natureza e ainda mais por ser aquela propagandista do militarismo e, como é sabido o Cristo tinha a mania de andar repetindo macsimas como estas: — amai-vos uns os outros; todos os homens são irmãos; não matarás; etc.

Ora, macsimas como estas, são insultuosas a um verdadeiro patriota... logo não deve continuar o patrocinio daquele estranjeiro a referida associação patriótica.

Ped'mos ás pessôas a quem endereçamos circulares solicitando fazer difuzão da *Luta*, de nos comunicar o numero de ezemplares que podem colocar, afim de regularizarmos a nossa tirajem.

As consequencias da guerra

MORTES — LUTO — MISERIAS — VIOLENCIAS — CORRUPÇÃO

Do belo e generoso livro de Charles Richet—"As guerras e a paz"—oferecemos aos nossos leitores as seguintes pajinas resumidas do segundo capitulo:

Nasce uma criança á custa de inesprimiveis dores para sua mãe: é uma esperança que brota no lar.

Ela a alimenta, afaga, vigia sempre alerta a seu lado, sofre mil inquietações pela saude, educa-a, trabalha para sustenta-la e vesti-la.

Ei-la homem, tem vinte anos, e quando está em pleno labor ajudando a seus pais, uma lei brutal o arrebata e deles o afasta por tres, por cinco anos.

Outro dia, de repente, os acasos da diplomacia, a grita dos jornais, a ambição de um conquistador declaram a guerra. Porque? Ignora-se tanto na choupana, como na oficina, como no palacio. O que se sabe é que vai haver uma guerra. E uma bela manhã fere-se uma grande batalha. Milhares desses jovens de ventre rasgado, de craneo esmigalhado, de membros mutilados, agonizam no campo.

Esse filho adorado, esse protector, essa esperança foi ceifada pela morte com seus irmãos e por irmão.

O pequeno soldado está morto; todo o seu passado de carinho e abnegação se estinguiu de chofre.

E ha nessas condições, dez, cem, mil, muitos milhares de mortos!

Ha alguns anos um incendio cruel fez perecer nas chamas algumas generosas senhoras pertencentes á alta roda de Paris: foi uma imensa consternação; pararam os negoc os; fecharam os teatros, os jornaes não falaram de outra cousa.

Entretanto essa catástrofe do Bazar de Caridade é uma bagatela, uma nonada, uma ninharia ao pé dos martiriolójios de uma grande guerra.

Si contarmos as victimas da guerra de 1870 veremos que seriam precisos vinte anos — vinte anos! — havendo todos os dias sem trégua, invariavelmente, tantas vitimas quantas houve no Bazar para que haja paridade no numero.

E imagine-se então esse horrivel Bismarck, o autor real e verdadeiramente responsavel por essa guerra, imagine-se esse miseravel a atear com suas mãos um incendio para morrer duzentas pessoas todos os dias.

Escrevendo a parte de uma campanha, o general relata com satisfação que teve apenas 3.000 mortos emquanto o inimigo teve 7.000. Tres mil homens! uma insignificancia...

Está visto que com os sete mil do inimigo não se conta sinão para saber que esses já são de menos, na frase feroz de Bismarck.

Quando Napoleão passou o Niémen (*) levava um colossal ezercito de 700.000 homens. Que maravilha, que vitoria sobre as dificuldades materiaes, manter, vestir, dirijir, municiar, fiscalizar 700.000 homens de varias procedencias, — franceses, italianos, bavaros, polacos, flamengos, espanhóes, saxões, dinamarqueses!

Pois bem: seis mezes depois, desses 700.000 homens quantos restavam? 33.000! apenas 33.000!

Os outros tinham morrido de atrozes sofrimentos, após tormentos horriveis, mutilados, tranzidos; despedaçados pela metralha, devorados pelos abutres, consumidos pelo tifo.

Os historiadores e os jornalistas são responsaveis por essa abominação que faz considerar como cousa muito simplez a morte dos soldados.

Cousas da guerra! dizem.

Não vale a pena compadecer-se por isso.

(*) Ou Memel, rio da Russia européa, desagua no Baltico. — (N. R.)

Daí essa complacencia pelos grandes devoradores de homens como Alexandre, Cezar, Atila, Napoleão, Bismack.

Dir-se-á talvez que a morte no campo da batalha é gloriosa e digna de inveja; que morrer pela patria ou pelo rei, com as armas na mão emfrente ao inimigo é uma honra incomparavel. Ah! quantos desses miseraveis soldados caem sem ter conhecido o orgulho da luta, apodrecendo num hospital ou num barracão, de tifo, de escorbuto, de variola, de cólera, de febre amarela, de todas essas infames molestias que acompanham a guerra e lhe fazem um cortejo condigno! Os que cantam as glorias da guerra sabem que as molestias fazem cinco vezes mais vitimas que o fogo inimigo?

E' impossivel dar em algarismo o numero das vitimas da guerra em todos os tempos; limitamo-nos, pois, a fazer sómente das guerras deste seculo:

Guerra de Napoleão (1700-1815)	8.000.000
„ da Russia (1854)	800.000
„ da Italia	300.000
„ da Prussia	300.000
„ da Secessão	500.000
„ Franco-Prussiana	800.000
„ Turco-Russa	400.000
„ Civis da America do Sul	500.000
„ Coloniais, (India, Mexico, Argelia, Abyssinia, Transvaal, Java, Madagascar)	3.000.000
	15.000.000

Quinze milhões! Tal é o numero das vitimas da guerra no seculo XIX.

E quais foram os martires? Moços de 20 a 30 anos, os mais bravos, porque são os audaciosos que mais se espõem ás fadigas e aos projetis.

Tenhamos a corajem de dizer bem alto: a guerra é um crime! Quinze

O CANTO DOS TRABALHADORES

Il Canto dei Lavoratori
(«Pecado juvenil» de Felipe Turati)

Companheiros! Companheiras!
Levantai-vos! vinde em massa!
O pendão livre esvoaça
Ao sol claro do porvir!

Nos insultos e nas penas,
Mutuo pacto nos aperta;
A grande obra que liberta,
Quem de nós a irá trair?

São os filhos do trabalho
Quem o ha de redemir;
Ou viver pelo trabalho,
Ou lutando sucumbir!

Pelo campo e pela mina,
A buscar um magro ganho,
Somos brutos dum rebanho,
Tosquiados p'lo patrão.

O senhor por quem lutamos
Não nos dá direito á vida:
A ventura prometida,
Quando a vemos nós então?

São os filhos do trabalho, etc.

Entre as maquinas deixamos
Corpo e cérebro aos pedaços;
Hão-de á força os nossos braços
Terra alheia fecundar.

O instrumento do trabalho,
Entre as mãos dos homens novos,
Mate os odios entre os povos,
Chame o justo a triunfar.

São os filhos do trabalho, etc.

Separados, somos fracos,
Somos fortes bem unidos;
Dá vigor aos oprimidos
Quem tem braço ou coração.

Tudo vem do suor nosso;
Derrubar, erguer podemos;
Seja a senha: despertemos!
Foi bem longa a sujeição.

São os filhos do tradalho, etc.

O' irmãs no sofrimento,
Companheiras nos enganos.
Que aos negreiros, que aos tiranos,
A beleza e sangne dais;

Aos submissos, aos imbeles,
Não mais deis vosso sorriso!
Para o ezercito indecizo
Os desastres são fataes.

São os filhos do trabalho, etc.

Maldição a quem se espoja
Nos banquetes, nas orjias,
Junto a quem passa os seus dias,
Sem um pão e sem amor!

Maldição ao que não sofre
Com a atroz mizeria alheia,
E de paz nos palavreia
Sob a pata do opressor!

São os filhos do trabalho, etc.

Guerra ás patrias, apaguemos
Os confins do mundo inteiro;
Que o inimigo, que o estrangeiro,
Não é longe, é entre nós!

Guerra á guerra, sem deseanso!
Sem descanso, morte á morte!
Do direito do mais forte
Já o termo vem veloz!

São os filhos do trabalho, etc.

Se a igualdade não é fraude,
Ironia, falsidade
O clamar fraternidade
O viver livre e viril:

Eia avante! companheiros,
Que nós todos somos servos;
Com os fracos e protervos
Transigir é baixo, é vil!

São os filhos do trabalho,
Quem o ha de redimir;
Ou viver peto trabalho,
Ou lutndo sucumbir!

milhões de mortos num seculo são quasi 300 por dia.

A guerra tem ainda outras consequencias além dessa espantosa dôr humana. Ella enjendra a miseria.

A paz armada produz a miseria moral e material de que sofre nossa civilização rudimentar. O militarismo é o cancro que róe as sociedades modernas; é o prolongamento do estado de selvajeria; é a conservação—com a agravação assustadora de uma organização sabia—da barbaria grosseira dos povos primitivos.

Todas as populações trabalham penosamente para sustentar uma classe ociosa, cheia de regalias, que se destaca dela e diante dela vive como um inimigo sempre alerta e pronto para esmaga-la.

As miserias morais do militarismo são mais graves ainda que as materiais. No regimento o soldado perde o habito do trabalho. Os operarios do campo e da cidade, que eram forçados a ganhar dificilmente o pão de cada dia, acham que á caserna é um repouso relativo.

O que toma gosto pela profissão militar perde todo o estimulo para os trabalhos no campo. E quando deixa a caserna com alegria, deixa-a pervertido, aborrecendo-se do moirejar da terra, acostumado á vagabudajem, a nada fazer duramte longos dias, a trocar pernas pelas ruas, desocupado e melancolico.

Aprende mais os prazeres da tarimba, a frequentar as tascas, a entreter-se com as rameiras que rodaim em torno dos quarteis e que lhe inoculam, talvez, molestias incuraveis; habituou-se a praguejar obscenidades, a mentir para «embrulhar» os chefes, para fugir aos serviços, para evitar punições, de forma que a sua dignidade de homem desapareceu antes que pudesse assumir a dignidade de soldado.

O alcoolismo, a prostituição e a hipocrisia, eis o que se aprende na vida de caserna.

O estado de paz armada e de guerra iminente acarreta toda uma série de ideias morais funestas e uma direcção geral desastrosa.

A liberdade politica é quasi incompativel com o rejimem militar; o sistema de assistencia policial exajerada, digna companheira do militarismo, acaba de arruinar os povos esgotados.

Alem disto, por causa da guerra, populações inteiras sofrem o jugo de um soberano que se impôs pela força. Certos povos estão sujeitos a rejimens que ezecram, e a violação de direitos se mantem flagrante como nas provincias diamaquesas, alsacianas, lorenas, rumanicas, finlandesas, consideradas, em sua maioria, numa quasi escravidão.

Apesar de todas as belas frases dos moralistas e dos homens politicos, nosso estado social repousa inteiramente sobre esta base miseravel: a força brutal.

Para o prossimo numero:

Sorteio Militar. — Correspondencias (de Santa Maria e do Uruguay). — Oito horas (Feliz Lux). — Pelo mundo. — Variedades. — Publicações recebidas. — Subscrição voluntaria.

Partidos politicos e acção directa

A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores.—Marx.

Ha no seio da sociedade uma imensa lejião de individuos interessados na conservação dos previlejios de que gozam e sem os quaes a vida lhes seria insuportavel.

Esses individuos, da reunião dos quaes, formam-se as instituições ditas sociaes, procuram tão somente satisfazer suas ambições pessoaes em detrimento da maioria trabalhadora.

Essas instituições, apezar de compostas por uma minoria infima da sociedade, mantêm-se em equilibrio e consegue sustentar-se á custa dos proprios trabalhadores, pelas mentiras que com uma continuidade estraordinaria, repetem e fazem seus corifeus badalar a todos os ventos. Assim, apresentam-se taes instituições como as supremas protectoras do povo e propõem-se a manter a ordem, a garantir a paz, a distribuir justiça, a promover melhoramentos, a protejer enfim a todos.

E com estes pintorescos paineis, conseguem da maioria produtora a submissão ás leis emanadas desse supremo poder que tudo faz, tudo sabe e tudo garante.

O operariado moderno, porém, saindo do periodo de infantil injenuidade em que por tanto tempo esteve mergulhado, procura investigar da procedencia daquelas promessas e avalia então que o que lhe concedem as classes dirijentes está muito lonje do sacrificio que lhe é ezijido.

Seguindo os rigores duma análise mais aprofundado chega á conclusão de que só ele, o trabalhador, é o sustentaculo de todas as instituições que pezam sobre os seus ombros com os falsos intuitos de o protejer e defender. Confrontou a sua vida de sofrimentos e incertezas com a ezistencia de abastança e de gozo levada pelos que nada fazem e comprendeu que vivia num mundo de mentiras e hipocrisias. Foi então que a sua ancia de libertação se começou a acentuar e as suas manifestações de mau estar tiveram lugar.

Os dirijentes, alarmados, quizeram sufocar em sangue as veleidades do trabalhador; mas muito logo comprenderam que tal era impossivel e mudaram de tatica. Fizeram os partidos politicos, encarregados de manter, por meio de falsos prometimentos de melhorias, o proletariado a respeitavel distancia das instituições que representam os previlejios da burguezia.

Os partidos politicos, então, organizando vastos programas, prenhes de formosas promessas, conseguem com que o operario vote e espere...

Apresentam-se candidatos parlapatões, que em inflamados discursos, pintam a ascensão do seu partido ao poder como o advento de uma nova éra de felicidade para o povo. E os incautos caem com o voto e com ele abdicam sua liberdade entregando-a ás mãos dos politicantes que sabem tirar desse facto o massimo proveito.

Entre os partidos politicos, e quando já estes eram impotentes para conter a onda reivindicadora do operariado, fez sua aparição o partido socialista parlamentar que, por sua vez, aprensentou um bem arquitectado castelo de vista, onde vinham inscritos as mais risonhas esperanças do trabalhador espezinhado e esplorado pela sociedade actual.

Seria o ideal. Os proprios trabalhadores seriam os deputados, os ministros, os presidentes, e, então tudo se transformaria como que por encanto ao depositar dos votos na urna.

Foi este, por certo, o partido politico que melhor serviço prestou á burguezia, pois a ele o proletariado juntou todo o seu concurso e nele depositou as suas ultimas esperanças, abandonando o campo da luta directa, no qual, necessariamente, derrotaria os seus adverssarios.

A desilução foi tremenda! Os politicos operarios em nada deferiam dos demais. E tudo não passou de palavras e palavras. O trabalhador continuando cada vez mais esplorado e nunca a iniquidade campeou tão livremente! Todos os sonhos de melhores dias de justiça ruiram por terra com os trabalhadores que caiam nas masmorras porque reclamavam os seus direitos conculcados!

Tudo como dantes. As mesmas condições de vida mizeravel. Uns gozando e outros sofrendo. Estes trabalhando, aqueles na ociosidade!

Só agora é que o operariado vae alcançando bem a profundeza das verdade de C. Marx.

Nada de partidos socialistas parlamentares que irão levar ao poleiro alguns pescadores d'aguas turvas, tudo pela organização e pela greve.

Só os proprios trabalhadores e pelas suas proprias mãos poderão realizar a grande obra da sua emancipação economica e social.

Cecilius.

Pedimos aos companheiros que possuem listas de subscrição voluntaria de no-las remeter o ma's breve possivel.

FACTOS E COMENTARIOS

CONGRESSO OPERARIO

No dia 17 de abril devia se ter realizado a abertura do 2º congresso operario estadual de S. Paulo.

Todos as assaciações daquele Estado enviaram delegados para esse congresso e o grande numero de temas apresentados, pela sua palpitante oportunidade, prometem revestir as discussõea da macsima importancia.

A *Luta Proletaria*, orgam da Federação Operaria de S. Paulo, tem dado a relação dos temas, bem como dará conta de tudo que no Congresso se passar.

Oportunamente transmitiremos aos nossos leitores os resultados dessa importante assembléa operaria.

UNIÃO OPERARIA DE BAGÉ

Esta sociedade comunica-nos ter sido eleita sua nova directoria que assim ficou composta:

Presidente, Cyriaco Lopes Couto; Vice, Joaquim Luiz Pereira; Secretarios, Placido Peres de Bittencourt e Antonio Ferreira da Silva; Thezoureiro, Lourenço Melchior Lanicca; Procurador, Manoel Luiz Legg; Directores, Affonso da Silva, Ovidio S. de Castro, Luiz de Vasconcellos, Lourival Clavé, Miguel Oyarzabal e Antonio Agapito Munhóa; Conselho Fiscal, João Lopes da Silva, Francisco Bidone e Domenique Salaqerry; Comissão Arbitral, Antonio de Azevedo Caminha, Francisco Lopes Machado e Ferdinando Martino.

— A mesma associação, em oficio, convida-nos para a sessão magna que será levada a efeito a 1.º de Maio.

Gratos.

ESTATUTOS

Recebemos um ezemplar dos estatutos da Socieedade União Operaria de Pelotas.

CENTRO CAIXEIRAL

Em oficio do secretario sr. Inacio R. Batão, é-nos communicada a eleição da directoria para o corrente ano.

O Centro Caixeiral tem sua séde em S. Luiz do Maranhão.

A revolução foi a verdadeira cauza da regeneração dos nossos costumes. — *Napoleão I.*

Uma revolução que se detêm e vacila é uma revolução perdida.

Uma revolução retempera o povo, muitas revoluções civilizam-n'o. — *Goupi.*

Endereço: Rua dos Andradas n. 64